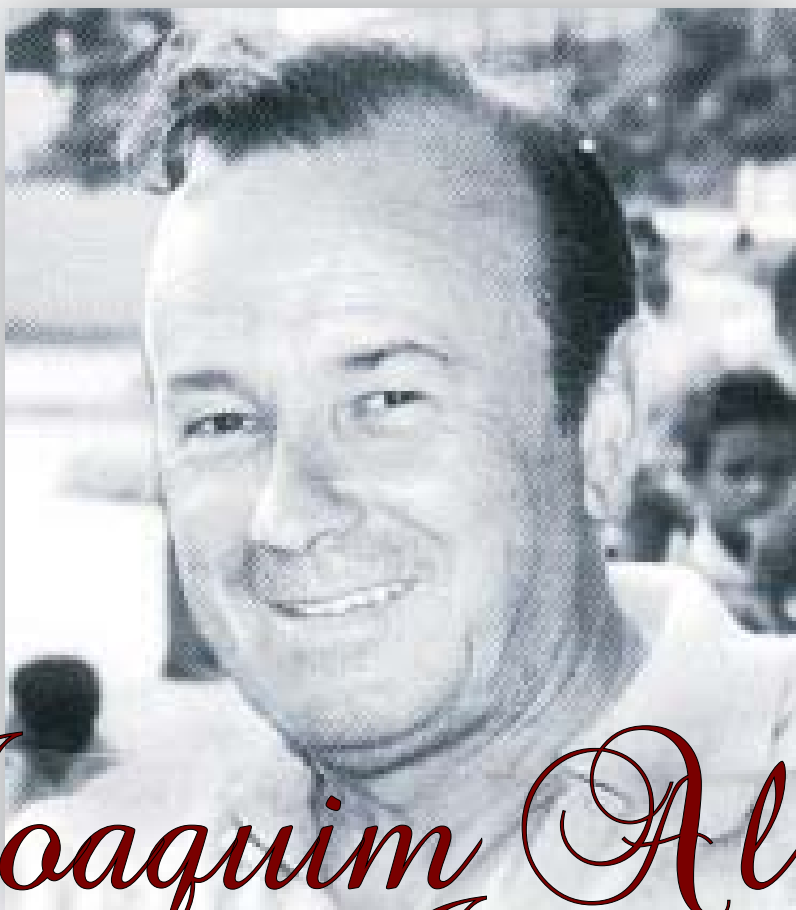


SEAREIRO

Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança" - Ano 7 - nº 51 - Janeiro/2006
Distribuição Gratuita



Joaquim Alves
"Jâ"

Este mês:

- **O que precisamos para vencer as lutas domésticas?**
- **Culto do Evangelho no Lar II**
- **Água Fluidificada**
- **Família e Sociedade**
- **Sempre Amor**
- **Odioterapia**
- **A Cólera**

Jesus, o nosso grande Mestre, governador do Planeta Terra, quando esteve encarnado entre nós, na exemplificação de seus ensinamentos, pelos quais nos trouxe uma Lei única a seguirmos, a Lei do Amor que deverá reger os corações de todos nós um dia, prometeu a vinda do Consolador Prometido, para que se preservasse, na sua essência, os seus ensinamentos, já que ele mesmo sabia que no decorrer dos séculos, iríamos deturpá-los, ajustando-os aos nossos desejos e caprichos.

A Doutrina Espírita veio na sua tríplice vertente que são: religião, filosofia e ciência. Religião porque trouxe o Cristianismo Redivivo aos corações humanos, renovando seu interior e fazendo com que estejamos constantemente voltados ao Pai Celestial, buscando conviver com seus filhos amados para que nos auxiliemos uns com os outros. Filosofia porque diante de um novo conceito de vida que nos é proposto, fundamentado nos ensinamentos cristãos, devemos rever valores, principalmente quanto a valores materiais, que durante a nossa reencarnação deixamos para nos arrastar por interesses físicos, por paixões terrenas, quando deveríamos nos preocupar com os valores que são eternos. Ciência porque a Doutrina Espírita nos mostra cientificamente os fenômenos que regem o plano físico e o plano desencarnado, e que nos influenciam em todos os momentos para o Bem ou para o Mal, dependendo de onde estiver o nosso coração.

A Doutrina Espírita, fundamentada nas cinco obras codificadas por Allan Kardec: O Evangelho Segundo o Espiritismo; O Livro dos Espíritos; O Livro dos Médiuns, O Céu e o Inferno e Obras Póstumas nos esclarece que o acaso não existe e que tudo ocorre como necessitamos, para o nosso aprendizado, para a nossa evolução espiritual, diante dos nossos atos e sentimentos em relação ao nosso próximo. E a reencarnação, como grande prova da Misericórdia Divina, nos dá oportunidades benditas de nos reajustarmos no decorrer das existências, pelos erros cometidos contra os nossos semelhantes em um passado próximo ou distante.

“Amái-vos uns aos outros”, disse-nos o Mestre. Este é o único caminho para agradar a Deus, nosso Pai Celestial. Deixamos, com isso, de acreditar que agradar a Deus não é sustentar o templo com bens materiais e com adorações, mas sim amar o nosso próximo, esquecendo de nós mesmos e sem condições, aceitando como cada um é e sem prazo definido para deixar de auxiliá-lo!

O apego aos bens materiais que temos é o que retarda o nosso crescimento espiritual. Deus não quer que sejamos ricos em bens materiais, que são efêmeros e passageiros, já que ficarão no planeta quando do nosso desenlace físico, mas sim ricos de bens eternos que conquistamos com o nosso esforço em amar o nosso próximo, e esquecendo de nós mesmos em favor dos que necessitam. Este é o tesouro que podemos ter sem que possamos nos roubar. Os valores eternos nós temos e os valores materiais nós detemos, já que os deixaremos neste plano quando do retorno ao plano espiritual.

“Perdoe não sete vezes, mas setenta vezes sete”. Este ensinamento do Cristo também temos ignorado, e quando o nosso semelhante nos contraria, queremos revidar, como se também não errássemos e nem fôssemos injustos para com o nosso próximo.

A Doutrina Espírita teve um grande trabalhador e tarefeiro do Mestre Jesus que foi o nosso Chico Xavier, que, com a sua mediunidade, nos trouxe mais de 413 obras as quais nos descortinam ensinamentos que nos dão as condições necessárias para a nossa renovação interior, juntamente com as obras de Kardec já citadas. A sua condição moral, foi um grande exemplo para todos nós, de uma vida inteira voltada a consolar e esclarecer as criaturas, com esta tarefa grandiosa de nos trazer da Espiritualidade Maior ensinamentos riquíssimos que nos alimentarão durante milênios, tal a magnitude destas obras no coração de cada um de nós. Queremos deixar uma singela homenagem a este trabalhador da Seara do Mestre e o nosso agradecimento pela oportunidade de podermos ter em nossas mãos não só as obras e as mensagens que transmitiu pela sua mediunidade. Depende de cada um renovar o seu interior para os verdadeiros valores da vida, mas o seu exemplo de uma existência, encarnado como nós, vivenciando o Evangelho do Cristo na sua plenitude.

Tenhamos em nós a coragem dos grandes espíritos de nos esquecermos em favor dos que sofrem.

“Bem aventurados os que sofrem porque serão consolados”, disse o Cristo, que conta com cada um de nós para que consolemos e auxiliemos o nosso semelhante que está em sofrimento.

Busquemos na fé e na esperança as condições para que tenhamos esta coragem, mas na fé raciocinada, e não na fé em objetos e em bens materiais que nos aprisionam nas trevas, quando podemos ter a luz nos nossos corações, quando temos o Cristo junto de nós, não apenas falando, mas agindo com as mãos ocupadas no amparo constante, aliviando o sofrimento alheio. A leitura das obras espíritas que são fiéis a Kardec nos traz além do consolo, o esclarecimento necessário para que entendamos porque estamos aqui, de onde viemos, para onde podemos ir e como devemos nos renovar para alcançarmos a Luz.

Seareiro é uma publicação mensal, destinada a expandir a divulgação da doutrina espírita e manter o intercâmbio entre os interessados em âmbito mundial. Ninguém está autorizado a arrecadar materiais em nosso nome e qualquer título. Conceitos emitidos nos artigos assinados refletem a opinião de seu respectivo autor. Todas as matérias podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Direção e Redação

Rua das Turmalinas, 56
Jardim Donini
Diadema - SP - Brasil
CEP: 09910-500

Endereço para correspondência

Caixa Postal, 42
Diadema - SP
CEP: 09910-500
Tel: (11) 4044-1563 com Eloisa
E-mail: seareiro@ig.com.br

Conselho Editorial

Fátima Maria Gambaroni
Geni Maria da Silva
Marcelo Russo Loures
Reinaldo Gimenez
Rosângela Neves de Araújo
Roberto de Menezes Patrício
Ruth Correia Souza Soares
Silvana S.F.X. Gimenez
Vanda Novickas
Wilson Adolpho

Jornalista Responsável

Eliana Baptista do Norte
Mtb 27.433

Diagramação

Reinaldo Gimenez
Silvana S.F.X. Gimenez

Arte e Impressão

Van Moorsel, Andrade & Cia Ltda
Rua Souza Caldas, 343 - Brás
São Paulo - SP
CNPJ: 61.089.868/0001-02
Tel.: (11) 6097-5700

Tiragem

12.000 exemplares
Distribuição Gratuita

ÍNDICE

GRANDES PIONEIROS: Joaquim Alves “Jô” - Pág. 3	CANTINHO DO VERSO EM PROSA: Sempre
KARDEC EM ESTUDO: A Cólera - Pág. 12	Amor - Pág. 16
LIVRO EM FOCO: Realmente 414... - Pág. 12	CURAS: Água Fluidificada - Pág. 16
CONTOS: Culto do Evangelho no Lar II - Pág. 13	ATUALIDADE: Odioterapia - Pág. 17
FAMÍLIA: Família e Sociedade - Pág. 14	CLUBE DO LIVRO: Endereços de Paz - Pág. 18
CANAL ABERTO: O que precisamos para vencer as lutas domésticas? - Pág. 15	CALENDÁRIO: Janeiro - Pág. 19

Joaquim Alves “Jô”



Iniciamos este trabalho sentindo uma enorme emoção. Tivemos o prazer de conhecê-lo e de realizarmos juntos algumas tarefas no campo doutrinário, principalmente nos encontros com o nosso querido Chico Xavier em Uberaba, Minas Gerais.

A emoção sentida é mista de alegria e tristeza ao mesmo tempo.

Jô, quando encarnado, era a personificação do bom-humor. Trazia sempre em seus lábios a palavra certa, para o momento exato. Sabia confortar sem afetação e consolar sem humilhar. Seu eterno sorriso era de bondade conciliadora.

Nas reuniões de estudos do Evangelho em seu lar ou no lar visitado para o mesmo fim, comentava o trecho evangélico com firmeza e através de sua veia poética (vinda do passado, pois quando era convidado a participar dos festejos da corte de Nero, era o menestrel preferido dos convivas), comovia a todos!

O desânimo nunca fez parte da vida de Jô. Ele sempre incentivava os companheiros a enfrentar as dificuldades que surgissem no decorrer de algumas tarefas, porque isto significava que o caminho estava certo, pois tudo que se apresentasse fácil demais seria sinal de desvios do rumo a seguir.

Como profissional, era excelente na arte do desenho publicitário. E como tal era funcionário da Cia Gessy Lever, nos idos anos de 55 a 70. O escritório dessa empresa ficava no Largo do Arouche, região muito apreciada por Jô. Seus desenhos eram famosíssimos nos escritórios de publicidades. Ele tinha muito gosto em fazer com que a apresentação do produto fosse de boa qualidade e enriquecesse os olhos dos consumidores.

O dia começava muito cedo para o nosso amigo. Levantava-se pela madrugada e, após sua higiene pessoal, saía para a caminhada, pois iria tomar seu café com os passageiros que chegavam à Estação da Luz ou Estação

Roosevelt, como era conhecida antigamente.

Muita era a curiosidade dos que o viam todas as manhãs dirigir-se para a Estação da Luz tão cedo. Somente os que conheciam esse magnânimo coração é que atinavam com essa sua renúncia ao descanso até mais tarde, saboreando o sono matinal, para poder levar a sua solidariedade àquele grande número de migrantes, a maior parte, nordestinos, que vinham em busca do sonho de encontrar uma vida melhor, na Capital. E o destino era sempre o mesmo, São Paulo!

Ele conhecia a história desse povo sofrido que vinha de trem, passando pelos reveses do tempo e além de enfrentar dias e dias numa viagem desprovidos de tudo, por vezes só com a roupa do corpo e algumas tralhas. Era, portanto, natural a fome. Doía-lhe o coração ver famílias numerosas, com crianças sujas e chorando por um pedaço de pão, por isso, seu café matinal era com eles.

Saía de sua casa, portanto, com um cesto repleto de pães com manteiga e muitas garrafas de café com leite.

Após juntar os forasteiros, quando da chegada do trem, Jô começava a distribuição do café e pão e era pura satisfação. Quando as crianças viam que o pão estava ali em suas mãozinhas, a algazarra estava feita. Muitas pessoas paravam para assistir aos abraços e agradecimentos ao Jô, que ficava todo tímido e embaraçado e procurava desvencilhar-se para continuar seu trabalho.

Para as famílias que não tinham onde ficar, após a refeição Jô as encaminhava para os abrigos Espíritas, com um cartão com seu nome, pois os amigos responsáveis por essas Instituições, já sabiam dessa tarefa que o amigo Jô desempenhava. Eram acolhidos com todo carinho. Muitos com o tempo eram até indicados para o trabalho profissional, como ajudantes de pedreiro, auxiliares de padarias, confeitários, etc. Outros eram encaminhados para escolas profissionalizantes para, com o tempo, encontrarem um emprego.

Jô costumava, também, todos os domingos pela manhã, ir até a Praça da República levar seu carinho e abraço para os moradores de rua. Estes o esperavam, pois, além das vibrações, eles ouviam as preces que Jô fazia e os abençoava para que tivessem um dia de paz com Jesus.

Jô colaborava com a alimentação do Hospital de Franco da Rocha. Fazia visitas permanentes junto com seus amigos, Messias, Roque Jacintho, Pedro Jacintho, Jamil Salomão, José Bissoli e outros.



Fachada da Estação Roosevelt - SP, em 09/2005.

Foto Alexandre L. Giesbrecht

Além da visita fraterna, procuravam transmitir passes para os doentes que a família pede, quando eram visitados para o Culto do Evangelho no Lar.

Joaquim Alves, Jô, para os que conviviam com ele em seu dia-a-dia, trabalhou intensamente como plantonista na Federação Espírita de São Paulo. Seu trabalho era o de orientar e encaminhar as pessoas que traziam seus problemas, suas dores, suas perturbações e que procuravam, como ainda procuram, encontrar um tratamento, ouvir uma palavra ou até mesmo para um simples desabafo, sem sentirem nenhum clima de sermão. Jô ouvia, orava e com sua responsabilidade e discernimento, encaminhava-os para as lições de Jesus através do Evangelho.

Ele também foi Conselheiro da Federação Espírita e colaborou assiduamente no Jornal “O Semeador”, órgão da mesma casa.

Lembramos de uma noite inesquecível para os espíritas que puderam estar presentes no Salão do Evangelho da Federação Espírita de São Paulo, nos idos de 2 de novembro de 1975, quando o nosso Jô homenageou “Cairbar de Souza Schutel”, falando sobre a vida desse grande pioneiro, em prosa e verso, numa consagração magnífica, acompanhado pelo coral “Carlos Gomes”, que na época era regido pela nobre professora Dona Maria Henriquete Moreira. A emoção foi enorme, pois o silêncio fez com que todos pudessem sentir a presença dos espíritos que amparavam os trabalhos da Casa.

Nessa mesma época, a Federação de São Paulo realizou um audiovisual sobre “A Vida e Obra de Bezerra de Menezes”. Foi Jô quem fez as viagens para o Rio de Janeiro, pesquisando e atuando como “camera-man” para esse trabalho. Conseguiu fotos maravilhosas de locações em lugares de ação do Sr. Bezerra de Menezes.

O êxito dessa tarefa foi estupenda, graças à dedicação do nosso amigo, que não mediu esforços para que tudo saísse a contento.

O objetivo da existência terrena desse abnegado ser sempre foi o de procurar desmistificar a Doutrina. Kardec, para Jô, era o ponto máximo. Sem essas bases doutrinárias não poderia haver, como não há, princípios legais de “amor

ao próximo”. Por onde fosse ou passasse deixava sua mensagem de fé em nome do Mestre Jesus.

Na época dos festejos natalinos, Jô reunia seus amigos, parentes, colaboradores da Federação Espírita e de outros Centros Espíritas, para juntarem roupas, alimentos, brinquedos, etc. Nas relações dos que seriam visitados no Natal, estavam os doentes dos hospitais, inclusive crianças e dos sanatórios, os internos dos presídios e casas nas regiões das favelas.

Tudo o que era arrecadado era imediatamente revisado. Após tudo limpo, brinquedos reformados eram embalados com o lugar demarcado em cada caixa. Tudo feito com muita disciplina para não dar confusão nas entregas.

Para os hospitais, além dos brinquedos para as crianças, arrecadavam-se preferencialmente remédios e alimentos. Naturalmente tudo era visto com antecedência e com a participação dos médicos e enfermeiros. Esse movimento começava geralmente no mês de junho de cada ano, para estar tudo pronto no Natal. E no dia do Natal, todos se reuniam numa das casas visitadas para o banquete do Evangelho no Lar e o agradecimento ao aniversariante, feito em preces poéticas do coração do Jô.

Jô contava que, num final de ano, fora ele convidado por amigos, para celebrar a passagem do ano, com uma família que estava apresentando sérios problemas de perturbações, por causas materiais. Tudo já se havia feito, mas nada resolvia.

Eram muitos os convites para Jô nessas ocasiões. Ele não gostava. Sentia-se melhor ficar em casa em companhia de sua irmã a quem tinha profundo afeto. Mas ouvindo a opinião da mesma para esse caso, resolveu aceitar.

Levado pelo amigo da referida família, Jô chegou como sempre com sua alegria. Abraçando o casal que lhe fora apresentado, notou que realmente a tristeza tomava conta do ambiente, principalmente as vibrações perturbadoras do senhor Aguiar, o dono da casa. Dona Flora, sua esposa, tentava amenizar o clima.

Jô, com toda a delicadeza que lhe era peculiar nessas situações, falou, descontraindo o ambiente: “Meus amigos, apesar do nosso feliz encontro numa data tão aprazível em que deverá existir paz entre todos, pois é a passagem para um “ano novo”, sentimos muita preocupação e o ar doentio do nosso amigo, Sr. Aguiar. Será que poderemos ajudá-los?”.

Dona Flora, olhando para o esposo com lágrimas nos olhos, relatou ao Jô o que estava acontecendo e o pedido feito pela família, para saber o que fazer. Dona Flora contou que o esposo estivera internado sob forte tensão emocional, porque seu único irmão, de nome Tércio, o estava acusando de fraudar documentos para a partilha de terras deixadas pelos pais, herança de família, que ele, Tércio, ficara prejudicado. Aí começou a desavença, dizia ela. “Meu marido, Jô, nunca ligou para essas terras. Ele sabia da existência delas, naturalmente, mas para ele a partilha, como é obrigatória, não lhe trazia nenhuma preocupação. Deixou a cargo de Tércio o que deveria ser feito. Este é que encontrou os advogados para o caso. Mas foi surpresa para todos nós da família o gesto acusador de meu cunhado. Nossos filhos não sabem, assim como nós, o que realmente

aconteceu, pois Tércio passou a ofender o irmão, vindo a nossa casa para tirar satisfações e acusá-lo de falsificar documentos para levar maiores garantias e vantagens nos negócios”.

Jô ouviu tudo com muito carinho e paciência. Enquanto ouvia o relato de Dona Flora, orava e ouvia o plano espiritual.

Percebeu que o apego exagerado de Tércio pelos bens terrenos e talvez considerando a soma de dinheiro que ele gostaria que fosse maior e não o foi, tinha-o levado a imaginar que o irmão ficaria com o valor maior.

Jô percebia também a influência dos espíritos na mesma faixa vibratória de Tércio, que o envolviam para com isto afastá-lo do irmão com quem já vivera em vidas passadas a mesma situação que não fora bem resolvida. Mas pensava, o Evangelho nos ensina a não julgar, pois não sabemos quem é a vítima e quem é o algoz. Dessa forma, após breve pausa, Jô dirigindo-se ao senhor Aguiar, falou:

— Meu amigo, procuremos imaginar a tristeza que lhe vai na alma. Ele, o Sr. Tércio, como seu único irmão, talvez esteja passando por algum problema difícil e não esteja atento ao mal que está causando principalmente a você. Mas vocês já tentaram convidá-lo para esta reunião? Veja que seria uma boa desculpa, dizendo-lhe que a ceia não ficaria completa, pois, como já deixaram claro, em todas as passagens de anos, vocês procuram que toda família se reúna”.

Dirigindo-se a dona Flora insiste: “— Vamos, amiga, pegue o telefone e saiba ser convincente. Acreditamos que seu coração de mãe saberá convencê-lo.” Sem dizer nada, dona Flora assim o fez. “Sr. Aguiar, coloque a fé no seu coração, para Deus nada é impossível. Quem sabe, com a oração na hora da ceia, o impossível aconteça? Creiamos que esta é uma excelente ocasião para a reconciliação, porque é uma data em Jesus espera que a família esteja reunida, para buscar as bênçãos de Deus, para novas esperanças”.

As horas se passaram e os filhos, netos, enfim toda a família já estava reunida ao redor de uma grande mesa, no centro da sala de jantar. A mesa estava preparada para o Evangelho. Vários livros estavam distribuídos à frente das pessoas ali reunidas, assim como uma bandeja com uma jarra de água limpíssima e copos para cada um dos presentes.

Jô, pedindo licença a todos, fora convidado pelo dono da casa a dar início ao Evangelho. Este olhando para a porta de entrada, pediu para que a deixasse semi-aberta, pois o único convidado restante ainda não chegara. Embora meio desconfiado que isso não se desse, o dono da casa aceitou.

Jô começou a prece... “Senhor Jesus!...” e mal terminou a frase a porta abriu-se e o convidado chegou! A surpresa foi geral e Jô fixando seu terno olhar ao amigo em lágrimas continuou:

“Tua bondade Senhor, só nos proporciona felicidade. Somos todos alunos de tua doutrina, onde são preciosos seus ensinamentos. As lições de teu Evangelho são luzes e esperanças nas alamedas escuras da vida, feitas de sombras e aflições. Mas, aos que te buscam surge a paz renovadora. Estamos, portanto, Mestre, procurando seguir teus exemplos, rogando nesses pensamentos em prece para que

este despertar de um novo ano, seja o prosseguimento do Evangelho em cada Lar, para que todos sejamos inspirados a levar entendimento e concordância, aos corações ainda baseados no materialismo terreno, para se beneficiarem na riqueza infinita do Bem, tesouro que a ferrugem não destrói e a traça não come”.



*Moradores da Praça da República - SP.
Foto retirada do trabalho de Sílvia Helena dos Santos Cardoso*

Ao término da prece, Tércio, soluçante, abraçou o irmão e pediu-lhe perdão. A alegria era contagiante, dizia Jô. Nunca havia sentido a paz materializada como naquela hora. Pudemos constatar que realmente algo mais havia se passado, quando Tércio, olhando para

todos, ainda emocionado contou: “— Eu estava muito desequilibrado com os acontecimentos da minha vida. Vocês sabem que algum tempo atrás me envolvi em negócios ilícitos”. Jô notou que aquele fato só fora sabido por Flora e Aguiar, pois, para os outros familiares aquela confissão causou profundo espanto. Mas a pedido de Aguiar que se fizesse silêncio, Tércio continuou:

— Agradeço agora, meu irmão, sua postura diante do caso. Vejo o quanto você foi sincero, quando vim a esta casa lhe pedir uma quantia para que eu pudesse salvar a minha vida e você generosamente me atendeu, vendendo o carro de sua esposa e que eu pudesse ficar tranquilo, pois ninguém mais saberia do fato, a não ser nós três, e que Flora não se opôs à venda do carro, dizendo que realmente ela pensava em vendê-lo, pois achava ser um gasto desnecessário à família. Embora naquela hora ficasse eu contente, não me regenerarei, no meu desespero queria que o dinheiro da partilha ou as terras viessem todas para as minhas mãos, pelos desvios cometidos. Sei que a calúnia que levantei contra você, meu irmão, de falsificar documentos, estavam na minha suja imaginação. Mas não pensem vocês que estou aqui hoje participando deste nobre momento por ter me arrependido. Por mim mesmo, acho que nunca o faria, mas foi pela nossa mãe, meu irmão. Foi ela que, numa destas noites, fez-me ver a realidade dolorosa que estava vivendo.

Mostrou-me você, Aguiar, definhando e criaturas estranhas apontando-me punhais que me colocavam nas mãos e pediam para que eu o matasse de vez, já que o fim estava próximo e para, dessa forma, eu ser o dono das terras ou do dinheiro caso a venda fosse concretizada.

Nossa mãe olhando-me firme dizia: — Já não chega o mal que você está causando para a sua própria vida e ainda quer levar a vida de seu irmão? Com que direito você manipula a vida do seu semelhante? É como estas perversas criaturas a que você se vinculou? Vamos, Tércio, em nome de Deus, pelas preces que lhe ensinei quando criança, assumo seus erros. Vá até seu irmão e conte-lhe a verdade diminuindo seu sofrimento, meu filho! Mamãe chorava me abraçando. E é por isso que estou aqui, Aguiar, as lágrimas de nossa mãe caíram sobre meu rosto como ferro em brasa,

fazendo-me despertar. E ainda agora há pouco tempo, algo me fez vir até aqui e pedir para que você esqueça todo mal que lhe causei”.

Nesta altura, Jô, assim como os demais, choravam convulsivamente. Apenas seu pensamento envolto em preces dizia:

“— Obrigado Senhor!”

Jô, ao lembrar desse acontecimento, dizia:- “Foi a mais bela festa de passagem de ano de que pude participar.” As desavenças familiares terminaram e Tércio embora respondendo pelos seus atos aos processos judiciais, recebeu da família todo amparo que necessitou.

Jô só pensava por que teria sido ele convocado para tanto?

Sabemos que o “acaso” não existe, portanto, Deus lhe deu a oportunidade de advogar em nome do Bem.

Quando a “Casa Transitória”, que é um departamento da F.E.E.S.P., foi fundada e entregue para outro notável trabalhador da Doutrina, José Gonçalves, para que levasse a efeito seu funcionamento, teve em Jô, outro batalhador nas obras assistenciais da Casa, tomando parte ativa na fundação da Caravana “Auta de Souza”.

Essa “Caravana” saía todos os sábados batendo de porta em porta, pedindo alimento, roupas e calçados para a manutenção da Casa.

Em cada Lar deixavam uma mensagem psicografada por Chico.

Vemos assim que a vida de Joaquim Alves (Jô) fora inteiramente dedicada a Doutrina. Todo o seu tempo foi definido em trabalho ao próximo.

Não quis casar-se. Sua família, dizia, era o ser humano.

Por onde passasse, distribuía carinhos, beijos, abraços desde as crianças até aos mais velhos. Para isso não precisavam ser seus amigos, para quem quer que fosse, seu sorriso, sua alegria eram sempre os mesmos. Nunca o vimos de mau humor!

Com as tarefas aumentadas na Federação e nos outros Centros em que costumava ajudar, começou a sentir nos trabalhos que realizava, ao transmitir o passe, que suas mãos formigavam intensamente e imediatamente eram estas dirigidas para o órgão ou o local em que a pessoa ali assistida apresentava algo, como dor por exemplo na cabeça, no fígado, etc. Para ficar mais tranqüilo, perguntava para a pessoa se realmente ela sentia alguma anomalia e ficava pasmo ao ouvir os relatos do que sentiam antes e depois do passe.

Com estes acontecimentos, preocupado, foi até Pedro Leopoldo para receber de Francisco Cândido Xavier uma orientação mais segura.

Chico, por essa época, lá pelos idos de 1941 ou 42, começava a ficar famoso e muitas pessoas, principalmente os dirigentes de Centros Espíritas e até mesmo os diretores da Federação, já tinham ido até Pedro Leopoldo, para conhecer e ver de perto o médium, que, jovem ainda, já havia publicado com grande alarde no meio espírita o livro “Parnaso do Além-Túmulo”, que Jô já havia lido. Pensava então que era o momento dele também conhecer Chico, pois admirava profundamente as obras já editadas, até

aquela época.

Jô, animado e com o forte desejo de conhecer Chico Xavier, rumou para a pequenina cidade mineira, Pedro Leopoldo.

Viagem longa e cansativa de trem, que nessa época levava quase doze horas para chegar ao estado de Minas Gerais.

Lá chegando, procurou um único hotel, isto é, uma pensão modesta, porém limpa e acolhedora. Após um relaxante banho, pensou nosso amigo logo em procurar saber onde se localizava o “Centro Espírita Luiz Gonzaga”, quando, para seu espanto a porta do quarto se abriu, após leve batida e ele viu um jovem de aspecto simples, muito simpático, que, pedindo desculpas pela invasão, lhe disse: “Vim, caro Jô, convidá-lo para estar neste endereço, logo mais à noite” e apresentou-se, dizendo ser Chico Xavier e que gostaria que ele, Jô, estivesse presente na reunião que logo mais se realizaria no “Centro Espírita Luiz Gonzaga”. Esse convite estava sendo feito pelo amigo espiritual Emmanuel, pois ele teria uma mensagem para que fosse levada para os companheiros de ideal da Doutrina Espírita, em atividade no estado de São Paulo.

A reunião seria às 8 horas da noite. Abraçou o Jô e saiu. Jô ficou estupefato! Pensou, os espíritos existem!

Pois se assim não fosse, como o Chico saberia de sua vinda e principalmente, da busca de uma orientação para que seu trabalho fosse mais rendoso? Fosse como fosse, este foi o seu primeiro contato com o famoso médium do futuro, Chico Xavier.

À noite lá estava o nosso Jô, ansioso e agitado como sempre. Após a prece e a leitura do Evangelho Segundo o Espiritismo, enquanto eram feitos os comentários do trecho lido, os poucos companheiros de Chico, habitantes em Pedro Leopoldo, esperavam pela mensagem que o médium psicografava.

Após o término da mesma o médium pediu licença a Jô, pois a mensagem era dirigida a ele, mas era uma orientação para todos que ali estavam. Era um estímulo ao trabalho doutrinário. Dizia da dedicação às tarefas que cada um pudesse realizar com amor aos semelhantes, e a Jô deixou claro que ele não deveria duvidar do trabalho do “passe curativo”, pois esta seria a maneira que ele poderia resgatar o passado obscuro de erros, indo ao encontro dos enfermos do corpo e da alma, ajudando-os no restabelecimento das energias, através do amor consolador em Jesus.

Jô compreendeu e aceitou com muita alegria a tarefa que desenvolveu até o final de sua existência na Terra.

Desde esse primeiro encontro, ele se tornou assíduo nas reuniões com Chico Xavier. Viveu boa parte de sua vida com o médium.

Passou a fazer as capas dos livros psicografados, ouvindo as opiniões do plano espiritual sobre as mesmas. Era muito receptivo para com o trabalho.

Com a ida de Chico para Uberaba e a vinda de Waldo Vieira para juntar-se também à psicografia mediúnica, o trabalho do Jô aumentou, pois as obras de André Luiz começaram a fazer-se presente no meio espírita. Para tanto, ele buscou outro amigo fidelíssimo à doutrina e companheiro de lidas, José Messias, e juntos produziram

capas belíssimas das primeiras edições de várias obras psicografadas por Chico Xavier e Waldo Vieira.

Mas um outro fato marcou muito a vida do nosso Jô.

Era o dia 2 de Novembro, não nos lembramos do ano, mas como sempre estava acontecendo que os espíritos de todos os lugares queriam receber orientações dos médiuns mineiros. Essas datas, portanto, traziam já um número elevado de pessoas a Uberaba. Jô estava lá também. Recebera um recado de Chico para que estivesse na “Comunhão Espírita”, às 8 horas da manhã, para a oração matinal. Estariam presentes, além deles outros incansáveis pregadores do Evangelho de São Paulo, como o senhor Spartaco e senhora, José Gonçalves da Casa Transitória, Jamil Salomão e outros que vieram com Jô.

À hora marcada todos os que foram convidados lá estavam. Como sempre após a prece inicial, Dr. Bezerra de Menezes, psicografou uma mensagem, saudando a todos. Em seguida, o médium, trocando de lápis, inicia outra mensagem. Ao término entrega-a ao Jô. Notou que a letra parecia de uma criança que mal acabara de aprender a escrever. Embora sendo particular quis dividir sua ansiedade com todos que ali estavam e passou a lê-la. Transcrevemos na íntegra essa mensagem:

Joaquim, meu filho.

Deus guarde nossos corações.

Sim, meu filho não estamos sós.

Levante seu ânimo!

A noite das provações está cheia de estrelas de amor, se acendermos a luz da prece olhando para cima.

Muita serenidade, meu filho.

Muita fé.

Falemos amando e edificando, trabalhando para a felicidade dos que Deus nos confiou no caminho!

Hoje é dois de novembro.

Muitos procuram os entes amados nos túmulos, mas nós buscamos nossas afeições na bênção da vida.

Meu filho, meu filho! Deus abençoe os seus passos, Deus ampare o seu coração...

A saudade com alegria é uma força que parece arrebentar nossa alma.

Meu filho, sempre ao seu lado... não posso escrever mais.

María do Rosário

Jô, com um soluço saindo do fundo do seu coração, juntou-se ao pranto do médium, que, lhe dirigindo a mensagem lhe diz: “— Jô, é sua mãe. Disse-me ela que conseguiu escrever pela primeira vez, portanto, não completou o seu pensamento.”

Jô olhando a mensagem, com as letras desiguais mostrando a dificuldade em escrever, disse ao Chico com emoção: “— Mamãe partiu sem saber ler ou escrever, era analfabeta.”

“Sim”, diz o médium, “ela me falou que está fazendo um curso de alfabetização. Está muito feliz, por ter essa oportunidade, já que não a tivera na Terra.”

“Graças ao nosso Dr. Bezerra, essa mensagem pôde

ser escrita. Ele é que nos deu esse auxílio, colocando a minha mão sobre a da sua mãezinha e orientou-nos a escrita. Disse dona Maria, agradecida ao Dr. Bezerra, que espera de uma próxima vez, não dar tanto trabalho aos espíritos.” E continuou o médium: “— Sua mãezinha, Jô, está progredindo muito no plano espiritual. Seu trabalho intenso está lhe rendendo bons bônus-hora, por isso, seu empenho e direitos adquiridos de cursar a alfabetização, nas horas de reposição energéticas.”



*Sala de reuniões no Centro Espírita Luiz Gonzaga,
Local de memoráveis reuniões com
Chico Xavier entre 1950 a 1958.
Foto publicada no site da Fundação Chico Xavier*

A alegria do nosso Jô em ter essas notícias de sua mãezinha, após tantos anos no plano espiritual, deu-lhe novas sensações de energias para as tarefas que ainda realizaria.

Muitos foram se agregando ao círculo de amigos do nosso Jô. Foi ele ampliando as tarefas doutrinárias, dentro e fora da Federação de São Paulo.

Era muito procurado para o Evangelho no Lar, passes localizados, orientações etc.

Uma outra pessoa que teve sua aproximação para uma tarefa indicada pela espiritualidade, ou melhor, pelo Chico Xavier na vida de Jô, foi o conhecido tradutor de obras inglesas e francesas, Wallace L.V. Rodrigues. Wallace e Waldo eram muito amigos, por isso, suas idas a Uberaba eram constantes. Por esse tempo ele estava empenhado na tarefa das traduções dos originais em francês do livro “Cristo Espera por Ti”, do escritor francês Honoré de Balzac. Essa psicografia foi através de Waldo Vieira.

Em meio a tudo isso, Wallace, que mantinha grande apreço pelos periódicos “O Clarim” e a “Revista Internacional do Espiritismo”, ambos de Matão, cidade do interior de São Paulo, foi procurado pelo casal José da Cunha e dona Antoninha Perches, ambos com preocupações graves, pois não conseguiam continuar arcando com todas as responsabilidades que a gráfica “O Clarim” exigia, já que a pessoa que estava à frente de tudo, o Sr. Watson Campello, trabalhador incansável, que arcava com todos os problemas da gráfica, viera a adoecer e partira para a vida espiritual, deixando o casal Perches sem saber o que fazer.

Sabiam que o trabalho que Cairbar deixara tinha que continuar.

Wallace foi de imediato até Matão e ficou assustado com o estado da gráfica. Que fazer? Pensou muito e foi numa dessas idas a Uberaba, para levar as traduções do livro “Cristo Espera por Ti”. Com receio de ocupar o tempo

de Chico com algo que ele pudesse resolver, confabulou com Waldo sua preocupação. Este de imediato chamou Chico e contou-lhe o sucedido. Chico disse:

“— Devemos auxiliar nossos amigos, mais ainda, nosso Cairbar Schutel, que deixou um grande bem para os espíritas, pois seus periódicos e livros não podem deixar de estar sempre presentes no meio espírita. Então sugerimos que procure uma pessoa que entende perfeitamente do assunto, o nosso Joaquim Alves, o Jô, nosso capista.”

Sendo procurado por Wallace, Jô, que sentia profunda admiração e respeito por Cairbar e suas obras, não relutou nem um minuto. Dizia estar profundamente reconhecido por Chico tê-lo achado competente para essa importante tarefa. Seguindo com Wallace para Matão, constatou a precariedade da gráfica e voltando para São Paulo começou um árduo trabalho: recompor toda a parte gráfica.

Como seu trabalho profissional na Gessy Lever, na época, era o de estar próximo aos clichês usados nas propagandas, pelos seus desenhos do produto, seu prestígio era muito grande na “Clicheria Planalto” e com isto e a boa vontade dos donos desta, conseguiu os clichês para “O Clarim” e a “Revista Internacional do Espiritismo” a preço reduzidíssimo, quase nada. Além disso, dedicou boa parte de seus anos, após sua aposentadoria, a recompor, junto com Wallace, tanto a gráfica, como os trabalhos que eram realizados no “Centro Espírita Amantes da Pobreza”, que estavam quase desaparecidos. Recompuseram os dias de trabalho, os passes e o Centro voltou às atividades normais.

Jô só deixou Matão, porque sentira que os trabalhos continuariam em boas mãos. Wallace ali permanecera e era um trabalhador exemplar. As saudades de São Paulo e das tarefas que deixara eram muito grandes. E sua decisão em voltar para a Capital fora por sentir um desejo intenso de iniciar uma série de visitas aos presídios. Ele sempre almejava realizar o Evangelho com os detentos e achava que o momento seria aquele.

Voltando a São Paulo, arregimentou companheiros para esse ideal e lá iam eles, quando as visitas eram permitidas, levar o Evangelho para os detentos.

Certa vez, Chico Xavier, a pedido do Jô, veio a São Paulo para fazer uma visita à Penitenciária de São Paulo.

Chico, ao vê-los, disse sentir-se feliz por estar junto aos “hóspedes carcerários”, pois era esta a expressão que Chico usava ao referir-se aos presos.

Jô, indo de encontro ao diretor do presídio atendendo a um pedido do próprio Chico, indagou se as portas das celas poderiam ser abertas de uma a uma, para que Chico tivesse mais acesso pessoal a eles. O diretor, temendo alguma violência ou tentativa de fuga, negou-se. Porém, com a insistência do próprio Chico, as celas foram abertas e estes formaram filas para abraçar o querido médium, tão famoso e respeitado. A presença de Chico para eles era algo tão sublime e elevado que nenhum dos detentos fez qualquer menção, a não ser de abraçá-lo e muitos choraram diante daquela figura tão humilde e ao mesmo tempo tão poderosa, que, sem demonstrar um gesto ou abrir a boca, extasiava a todos estavam pelo seu espírito de paz e ternura.

Dentre os detentos houve um deles que, aproximando-se, falou quase sussurrando ao ouvido de Chico. Entre

lágrimas ele contou que sabia estar perdido, e sua alma estava sem salvação, pois havia tirado a vida de seis pessoas. Por certo Deus o puniria.

Após ouvi-lo Chico, abraçando-o, disse: “Meu querido irmão, não perca a fé, Deus tem recursos para permitir a redenção e não a punição a seu espírito. Reze e peça a oportunidade na reencarnação futura de tê-los como filhos em seu futuro lar. Deus o atenderá.”

O homem sentiu paz e esperança em seu coração. Seu olhar passou a ser de consolo e gratidão ao médium, que, beijando-lhe as mãos, continuou: “Não perca a fé, Jesus estará sempre contigo”.

A visita foi extremamente disciplinada. O diretor do presídio ficou encantado e disse ao Chico, que seria bom se ele pudesse estar sempre entre os presidiários, a que Chico respondeu: “— Eu não poderei, meu amigo, mas Deus está sempre entre todos e em todos os lugares, principalmente aqui, onde há tanta dor e revolta, seguido de tanto ódio e vingança. Só o Amor de Deus e a compreensão dos semelhantes é que poderá torná-los melhor, no amanhã”.

Chico incentivou muito para que Jô continuasse com essa tarefa tão difícil e tão necessária. Ele continuou até quando o seu organismo já bem debilitado permitiu. Foram excelentes os resultados obtidos. Conseguiu ele junto com amigos que o acompanhavam a fazer o Evangelho com detentos chamados de alta periculosidade a aceitarem até o passe, pois diziam que os pensamentos tormentosos diminuía e com isto tornavam-se mais brandos.

Com muitos daqueles que se diziam líderes das celas, brigando uns com outros pelo orgulho de manter o poder sobre os outros detentos, com palavras repletas de carinho e diálogos francos, como pai falando ao coração de um filho doente, Jô conseguia apaziguar as situações de revoltas criadas nas celas. Confiava no Alto, sabia que os amigos espirituais ali estavam e agiam por seu intermédio.

A mensagem de Emmanuel, a primeira que recebera, ao conhecer Chico, era seu ponto de referência para os trabalhos que realizava.

Jô assistiu às muitas realizações das sessões de materialização através da mediunidade de Chico Xavier. Isto foi mais ou menos pelos anos 50 a 52.

Muitos espíritos se materializavam, desde Emmanuel, Eurípides e outros, e traziam além das palavras de alto estímulo ao trabalho doutrinário, como Sheila, que, após cada reunião, fazia aparecer materializada nas mãos de cada pessoa encarnada ali presente, uma rosa ou até mesmo um ramallete de flores silvestres que aromatizavam o ambiente.

Jô ainda descrevia a materialização de Emmanuel pela primeira vez, assistida por Arnaldo Rocha, marido do venerável espírito de Meimei.

Assim ele o descreveu:

“— Estávamos ao término das tarefas, após ouvirmos e vermos a figura do inolvidável Eurípides de Barsanulfo, que nos chamava a atenção para a prece, pois algo muito importante viria da espiritualidade superior. Chico ainda permanecia na cabine, quando uma forte luminosidade atingiu nossos olhos. E ali estava o abnegado servidor de Jesus, o ex-senador romano, Emmanuel. Continuou

belíssimo, porte masculino, atlético, cuja altura seria de 1 metro e 90 centímetros.

Quando sua voz ecoou no ambiente, era como se ouvíssemos um barítono com clareza e suavidade, porém enérgico no timbre que o assunto pediu. Seu andar e seus gestos eram elegantes e suas maneiras eram aristocráticas, embora emanassem simplicidade. Em seu tórax largo, fazia-se um luzeiro multicolorido. Em sua mão direita erguida, havia uma tocha iluminada irradiando, através de suas palavras a paz, a harmonia com Deus, ressaltando a Doutrina como dádiva celeste de felicidade.

Passado algum tempo, Emmanuel fez sua última materialização anunciando o final dessa fase na vida do médium Chico Xavier. Foram muitas as reuniões desse tipo, algumas até trazendo problemas polêmicos para o trabalho mediúnico de Chico. Muitos repórteres, desavisados no serviço do Bem, aproveitaram de momentos sérios, para servir de alerta para os espíritas. Fez-se o caos no movimento doutrinário, portanto, Emmanuel se fez presente e, encerrando, anunciou:

“— Amigos, a materialização é fenômeno que pode deslumbrar alguns companheiros e até beneficiá-los com a cura física. Porém, o Livro é a chuva que fertiliza lavouras imensas, alcançando milhões de almas. Rogo, portanto, aos amigos, a suspensão, a partir deste momento, desse tipo de reuniões”.

A partir daí, nosso Chico, obedecendo disciplinadamente ao pedido de seu mentor, nunca mais realizou essas reuniões. Já havia sofrido rudes golpes, com calúnias, maledicências e toda sorte de maldade pela imprensa, que o atingiram sobremaneira. A grande preocupação para ele era, como foi até o final de sua existência física, ser fiel à Doutrina dos Espíritos.

Emmanuel declarou ainda que sua missão era de tornar materializadas as mensagens e o livros psicografados, pois este era o esclarecimento que o povo precisava, para tomar conhecimento de como obter paz e alívio para as dores reencarnatórias.

Jô, sempre que possível, estava ao lado de Chico Xavier. Este pedia-lhe sempre que mantivesse contato direto com os trabalhos da Federação Espírita de São Paulo, pois as reuniões as quais eram feitas para esclarecimentos mediúnicos davam-lhe também orientações para o prosseguimento do Evangelho na Penitenciária, tarefa que Chico achava importante, pelos dramas vividos ali pelos encarnados e desencarnados.

Até o final de sua existência terrena, dedicou-se ele junto com os outros companheiros a essas visitas semanais aos presidiários levando mensagens psicografadas por Chico Xavier, que eram esperadas pelos detentos com muita ansiedade após terem conhecido e recebido Chico, quando os visitou.

Jô tinha muito carinho pelos confrades da África e de Portugal. As correspondências entre ele e os povos espíritas da Europa eram constantes. E lá pelos idos do ano de 1974, após conflitos da ditadura e guerrilhas com o país de Angola, Jô e outros confrades, entre eles Newton Boechat, Jorge Rezzini, Ariston Teles e Henrique Rodrigues, ajudaram a restaurar o movimento espírita entre a África e

Portugal.

E em 1983, surgiu o “Jornal Espírita” em Viseu, pela “União Espírita Cristã” de Portugal. Sendo visto como o periódico mensal de maior tiragem da Europa, na época, pois sua propagação foi feita com muita publicidade e palestras, pelos companheiros já mencionados, para toda a comunidade lusitana, com muita aceitação pelos povos europeus.

O Centro Espírita “Perdão e Caridade”, de Lisboa, agitava-se e difundia as obras de Allan Kardec passando a editá-las.

E desde 1985, os encontros entre jovens das regiões e também entre brasileiros começaram a acontecer. Jô fazia questão de avivar cada vez mais os jovens para esses encontros, pois dizia ele que era momento de confraternização entre eles, após terem sofrido tantas dificuldades com as guerras.

Esses encontros eram realizados na cidade do Porto, Portugal.

Talvez por ser descendente de portugueses, seu carinho era e é muito marcante com Portugal. Seus olhos brilhavam ao falar dos recantos portugueses. Quem sabe seu grande empenho por retornar a Portugal e visitar, como ele dizia “os irmãos angolanos” e outros, não fosse movido por reencarnações passadas?

Acreditava ele que sim, pois, dizia, sentia-se muito bem nessas terras, embora a vida desses povos da África lhe tocasse a alma, fazendo brotar-lhe lágrimas aos olhos ao lembrar tanta dor e tantas dificuldades, que via estampados nas faces de cada mulher e de cada criança.

Por isso, tentava ele colocar a esperança e o consolo nesses corações, que só mesmo Jesus, através do Evangelho, poderia fazê-lo. Deixou nos corações infantis, daquela época, hoje homens feitos, as lições passadas nas aulas de Evangelização Infantil, que ali nunca tinham ouvido falar.

Portanto, Jô foi o pioneiro incansável dessas viagens do Brasil para a Europa sofrida, para que esses povos conhecessem Jesus.

Jô continuava a ir seguidamente a Uberaba, para visitar seu grande amigo Chico Xavier.

Aproveitava a visita para estar nas manhãs de Evangelho que o médium realizava, junto a companheiros de São Paulo e de outros lugares.

E foi numa dessas reuniões que algo muito bonito aconteceu, que trouxe muita alegria para o coração de nosso Jô, que andava meio cansado e abatido.

Após leitura e comentários sobre a lição do Evangelho, Chico aplicava passe nos presentes à reunião.

Em dado momento, um ruído leve se fez sentir e ouvir ao lado de Jô. Este procurou com cuidado para não alterar o ritmo da concentração de todos, quando Chico lhe disse:

“— Veja, Jô, entre as garrafas de água fluida, próximo a você, que belo caramujo!”

Jô, assustado com o imprevisto recolheu da mesa um caramujo lindo, todo colorido. Admirado, sentiu a água do mar gelada em suas mãos e o brilho da areia refletida no caramujo, como se tivesse saído naquele instante do mar.

Chico sorrindo diz: — Pois é, meu amigo, este é um

presente de nossa Sheila para alegrar o seu coração. Diz ela que aí está a presença de Deus na Natureza, que trabalha incessantemente sem desanimar, embora as ondas violentas por vezes ocorram.

Jô entendeu o recado. E com o caramujo nas mãos, sentiu as lágrimas de reconhecimento correrem pelos seus olhos. Que abençoada manhã que lhe restituira o ânimo, pelo cuidado do plano espiritual, transportar pela mediunidade desse grande missionário à presença de Deus. Estava a quilômetros e quilômetros do mar, no Triângulo Mineiro e em suas mãos a mensagem de Deus, que, para se fazer o “Bem”, não há distância que não deva ser vencida, pois o Pai está em todas as partes do Universo!!

De outra ocasião, após a prece final da oração matinal, Chico, olhando para o Jô, disse que vira ao seu lado um centurião romano, que o abraçava com muita ternura. E outro espírito jovem, demonstrando ter uns 16 a 17 anos. Perguntei, disse Chico, a Emmanuel quem seriam esses espíritos tão chegados ao coração do nosso Jô e ele me disse: “— O centurião romano havia sido pai do Jô, no século III, e estava comovido por revê-lo, após longo tempo de afastamento, por trabalho na espiritualidade. O segundo, o jovem, dissera ser o Ministro do Trabalho.”

“Rimos”, disse Chico, mas o jovem disse também que, se Jô puxasse pela memória, se lembraria desse título, que ele naturalmente o fizera brincando, mas não esquecera.

Jô ficara impressionado com a primeira revelação e, como que ajudado pelo amigo espiritual, lembrou-se que quando iniciara a Campanha Auta de Souza, realizada em São Paulo, saindo com os companheiros da Federação Espírita de São Paulo no período da tarde, via ele nas preces, tanto na saída como no retorno da tarefa, após horas de bater de porta em porta e agradecer a bondade de todos que colaboravam na campanha, um jovem espírito que sempre se apresentava e pedia a todos os encarnados, disciplina e trabalho, muito trabalho em nome do Cristo.

“Pois bem,” continuava Jô, “uma vez por mês íamos à Casa Transitória, participar com o nosso Gonçalves das reuniões mediúnicas, para recebermos orientações para a Campanha “Auta de Souza”, pois era para lá que era levada toda a arrecadação alimentícia.

Quando iniciada a reunião, Gonçalves já descrevia o que via e quando estávamos presentes”, conta Jô, “esse jovem se apresentava ao meu lado e Gonçalves o descrevia como o “Mocinho” e passava a orientação, que era sempre a mesma, trabalhar, trabalhar e trabalhar.”

Certo dia, após o término da reunião, Jô olhando para o Gonçalves, disse: “— Esse Mocinho deveria ser designado como o Ministro do Trabalho”. Reconheceu, então, Jô, a referência do jovem, pois ninguém ali presente conhecia essa passagem da vida do Jô. Confirmando mais uma vez a assistência espiritual recebida por ele, pelo com afeto que desempenhava suas tarefas doutrinárias.

Anselmo Gomes foi outro companheiro incansável da Doutrina. Junto de Jô, desempenhava muitas tarefas, principalmente no campo da oratória e como autor de vários poemas e temas desenvolvidos em muitos periódicos espíritas. Desencarnou num violento acidente de carro, num atropelamento.

E numa reunião noturna em Uberaba, quando Jô estava presente, pois levava a capa do “Livro da Esperança”, que iria ser publicado, Jô esperava a aprovação de Chico através de Emmanuel, seu Guia espiritual, para ver se estaria a contento da espiritualidade, quando Chico, olhando fixamente para ele disse:

“— Jô, nosso companheiro Anselmo Gomes, está abraçando-o e pede-lhe para que transmita à companheira que ainda está no plano físico, que não chore e nem lastime a sua partida, pois foi realmente um acidente como término de uma das provas que teria ele que passar. Para que ela não continue com processos culposos contra o motorista, pois isto, foi um acontecimento inevitável.”

Jô e os demais, assim como Chico, ficaram muito emocionados, e ao final das tarefas naquela noite na “Comunhão Espírita Cristã”, o próprio Anselmo Gomes, passou uma mensagem através do Chico em forma de verso ao seu grande amigo Jô:

“A palavra nada vale”,
Fala-se a boca pequena;
Mas há palavra que salva
E há palavra que envenena.

A página que consola
Vem da Divina Bondade
Que cura em silêncio brando
As chagas da Humanidade.

Amparo ao livro que ampara
Sublima palma que levas.
Quem ajuda um livro nobre,
Acende uma luz nas trevas.

O Evangelho de Jesus,
Na obra de redenção,
É pão em forma de livro
À fome do coração.

O Universo é um livro imenso
Que dá Terra ninguém lê,
O Céu brilhando estrelado
É a capa que a gente vê.

Já fomos caro Joaquim
Trovadores de outros nomes,
Por isso é que volta ao verso,
Seu amigo Anselmo Gomes

Na manhã seguinte um outro fenômeno de materialização realizado pela Sheila deixou o nosso Jô admirado, pelo feito de “amor”, produzindo uma transformação no íntimo de um cientista suíço que visitava Chico. Queria ver de perto o famoso médium, mas era materialista e não acreditava no que ouvia a respeito da mediunidade de Chico Xavier.

Pois bem, contava Jô empolgado, após a prece, sentimos a presença de Sheila pelo forte odor de éter que inundou o ambiente. Ela sempre fazia a “asepsia”, por assim dizer, do ambiente, para harmonizá-lo e dar condições melhores aos espíritos ali presentes.

Sheila, aproximou-se do visitante suíço e com sotaque alemão falou-lhe: “— Iremos pedir ao Pai nos permita passar para as suas mãos o frasco de perfume que sua mãezinha

usava e de que tanto gostava quando encarnada. E, abrindo as mãos do visitante colocou nelas um frasco com essências de violetas, que inundou todo o salão da “Comunhão”, naquela bela manhã de sol.

O senhor suíço não conteve as lágrimas, pois além desse acontecimento, sentiu o forte abraço, reconhecendo a presença de sua mãezinha, pelo ósculo que ela costumava lhe depositar na testa, toda manhã e pelo perfume das violetas que tanto amava na terra.

“Após este acontecimento”, prosseguia Jô em sua narrativa, “nosso amigo suíço, tornou-se um grande defensor da Doutrina de Luz e Amor, pois voltando a sua terra natal, juntou-se aos poucos estudiosos do Espiritismo naquele local. Soube tempos depois que o amigo suíço, como ficou conhecido, escrevera ao Chico, dizendo-se mais um estudante de Kardec.”

Jô achava que a expressão “estudante”, quisesse significar “aluno ou simpatizante”, pois ele não conhecia a gramática portuguesa.

E para maior alegria de Jô, voltando às reuniões com Chico Xavier, recebeu uma outra mensagem de sua mãezinha, agora já refeita e sabendo escrever, embora como sempre com a ajuda dos amigos espirituais. Eis a mensagem:

Quim, meu filho! Deus nos abençoe.

Sou eu mesma, tua mãe.

Venho pedir ao teu coração confiança e alegria.

Tenho ouvido tuas preces, teus pensamentos.

Sim, meu filho do coração, trabalhar e abençoar sempre.

O caminho para Deus é de baixo para o Alto.

Nosso Senhor Jesus Cristo nos mostrou o dEle numa cruz.

Ele, Quim, abençoará teus passos, dará novas forças ao teu coração. Eu também estou aprendendo e trabalhando, graças a Deus. Quem julgue ser a morte um descanso não deve ter pensado em amor. Principalmente as mães não conseguirão pensar em repouso. Deus colocou em nosso coração uma ânsia de querer bem aos filhos que, às vezes, sinto que trago uma labareda na alma.

Agradeço o teu carinho, filho meu, aos estímulos à caminhada nova. Os anos correram e vejo-me mais forte. A ternura parou a expressão de meu rosto. Tantas lágrimas de saudade e esperança, dor e alegria, chorei que os dias não mudaram as expressões no caminho com que me uno aos filhos queridos.

Transformei-me, sim, por dentro. Sou outra, considerando a necessidade em que me vi para a mudança espiritual.

Louvado seja Deus!

Ele, nosso Pai de bondade eterna, dará a tua bondade filial as riquezas e as bênçãos que não tenho.

Sofre, meu filho, mas auxilia e ama sempre.

Luta, mas conserva em teu coração os tesouros de amor que Jesus te deu para guardar.

Tudo vai passando na Terra; fica apenas o Bem,

porque o Bem é a parte de Deus em nós.

Meu filho, meu filho... Estou contente e reconhecida aos Amigos que me auxiliaram a escrever-te esta carta...

Pensa, meu filho, nas alegrias com que me preparei, pouco a pouco, a fim de escrever-te e receber com todos os nossos, o coração de tua mãe sempre ao teu lado.

Maria do Rosário

Jô, com o soluço embargado em sua garganta, não conseguia falar para Chico que, com problemas sérios para serem solucionados em seu caminho de trabalho ao Cristo, ele pedira a sua mãezinha, em preces, que se possível lhe desse umas palavras de consolo, pois naquele momento ele se sentia tão isolado, sem saber que caminho deveria seguir. Sabemos que, após esta mensagem, nosso Jô se fortaleceu e continuou a semear na Seara do Cristo, porém, sentindo já sérios problemas de saúde.

Nesta sua romagem carnal, Jô não constituiu família carnal, veio realmente para servir. Onde o chamassem ele lá estava cumprindo com alegria o que dizia ser seu dever.

Era profundamente apaixonado por músicas clássicas, principalmente pela obra de Heitor Villas Lobos, *Bachiana Brasileira nº 5*. Era sua preferida cantada por coral.

Jô fora portador de diabetes, por longo tempo. Seu físico começou a mostrar várias deficiências, mas ele não parava de trabalhar. Pode-se dizer que trabalhou até as últimas horas e com muita tristeza na madrugada do dia 31 de julho de 1985, despediu-se desta para o retorno à vida espiritual o nosso Jô.

Foi amparado nos braços de sua amada mãezinha, dona Maria do Rosário, que sempre esteve ao seu lado.

Seu sepultamento deu-se no mesmo dia às 16 horas, no Cemitério da Quarta Parada, São Paulo, capital.

Até hoje, sua presença física faz muita falta aos nossos corações. Mas espiritualmente ele continua atuando e seu espírito é o mesmo, alegre, poético em suas preces que emitem muita emoção e fé para quem o escuta e sente a firmeza de seu ideal em servir a Jesus!

Esperamos, Jô, que seu espírito esteja sempre conosco, pois se este periódico Espírita “Seareiro” existe é por ser você o patrono e o grande idealizador de suas matérias.

Peçamos a Jesus para continuarmos sendo sempre fiéis às pautas aqui editadas, para não ocasionarmos prejuízos espirituais a nossa Doutrina, a qual você foi e é grande incentivador dos esclarecimentos das mensagens de luz sobre a terra.

Obrigada, amigo Jô, e que Deus o ampare em suas lides espirituais.

Eloísa

BIBLIOGRAFIA

- * Amor e Sabedoria de Emmanuel - Clovis Tavares - 1ª edição 1970 - Editora Calvário
- * Trinta Anos com Chico Xavier - Clovis Tavares - 1ª edição 1967 - Editora Calvário
- * Presença de Chico Xavier - Elias Barbosa - 1ª edição 1970 - Editora Calvário
- * Chico Xavier 40 Anos no Mundo da Mediunidade - Roque Jacintho - 1ª edição 1967 - Editora Luz no Lar
- * Palavras do Infinito - Humberto de Campos - 6ª edição 1982 - Lake
- * Anuário Espírita - Arara - Homenagem ao Jô - 1985
- * Comentários pessoais do nosso Jô, quando encarnado

A Cólera

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Capítulo IX “Bem-aventurados os Mansos e os Pacificadores” - itens 9 e 10

Ouviste o que foi dito aos antigos: Não matareis, mas qualquer que matar será réu do juízo. Eu, porém, vos digo que qualquer que, sem motivo, se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e qualquer que disser ao seu irmão: Raca, será réu do sinédrio; e qualquer que lhe disser: Louco, será réu do fogo do inferno. (Mateus, capítulo 5, versículos 21 e 22) - Livro O Evangelho Segundo o Espiritismo - Capítulo IX - Item 3.

Nesta máxima, Jesus coloca a pessoa colérica no mesmo nível do assassino, pois ele diz que ambos serão: “réu do juízo”.

A cólera não provém de um organismo doente, mas sim do nosso orgulho que é uma deficiência do nosso espírito.

Quando somos contrariados no nosso orgulho, nos tornamos coléricos, e perdemos o equilíbrio e a razão. Nestes momentos nos tornamos cegos e inconseqüentes, poderemos cometer atos dos quais podemos nos arrepender futuramente, pois a pessoa quando está colérica até os objetos inanimados sofrem suas agressões, pois ela perde todo senso de equilíbrio, com isto agredindo também o seu corpo físico.

“A cólera, o desespero, a crueldade e a intemperança criam zonas mórbidas de natureza particular no cosmo orgânico, impondo às células a distonia pela qual se anulam quase todas as defesas abrindo-se leira fértil à cultura de

micróbios patogênicos nos órgãos menos habituados a resistência.” É assim que muitas vezes a tuberculose, o câncer, a lepra e a ulceração aparecem como fenômenos secundários, residindo a causa primária no desequilíbrio dos reflexos da vida interior. (André Luiz - Livro Pensamento e Vida - Capítulo Saúde)

Nós sabemos que a cólera nos causa um dano tão grande, nos desajustando a saúde e até a própria vida, pois somos a sua primeira vítima, e que atingimos os nossos semelhantes, comprometendo-nos também espiritualmente, pois sabemos que somos responsáveis por qualquer dano causado a alguém, como diz no Evangelho Segundo o Espiritismo: “A cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal”. Devemos nos esforçar, ter boa vontade para nos modificar, vencer o próprio orgulho que nos torna criaturas primitivas, nos arremessando ao passado onde nos digladiávamos em lutas pelo alimento e pelo território. Deus espera de nós que progridamos, e a meta maior é o amor, que é o conjunto de todas as virtudes. A cólera faz parte de todos os nossos defeitos e vícios, e causa a grande explosão que sentimos no corpo físico.

“O punhal da nossa ira alcança-nos a própria saúde impondo-nos os vírus da enfermidade (André Luiz)”.

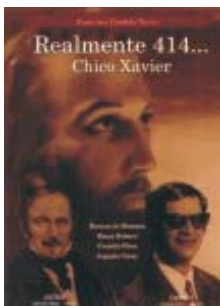
Ruth

Livro em Foco

LIVRO EM FOCO

Realmente 414...

3 Pinti Editora e Gráfica
Francisco Cândido Xavier / Espíritos diversos
74 páginas



Este livro de Chico Xavier foca o TRABALHO, em uma visão material e espiritual. Os espíritos nos ensinam que “pelo trabalho, o homem conquista a segurança, o amor, a paz e a luz” e que “o Brasil necessita de trabalho e trabalhador”. O livro se inicia com uma poesia intitulada “Trabalho” e termina em prece para que tenhamos condições de servir na abençoada Doutrina de Jesus. As mensagens nos alertam que o trabalho traz o progresso, porém o progresso custa lágrimas e crises. Elas também nos afirmam que o serviço bem executado nos traz a alegria do dever cumprido.

Esta obra é o reflexo da vida de Chico Xavier, que, durante todo o tempo em que esteve aqui, teve uma vida de trabalho para nos trazer da espiritualidade a abençoada Doutrina de Jesus.

É um livro que devemos não só ler, mas também estudar, para colocarmos suas lições em prática no nosso dia-a-dia.

Obrigado, Chico.

Família Amado

Culta Cristã no Lar II

O céu amanhecera nublado com fortes ares de chuvas próximas.

Todos os dias antes de ir para o trabalho e durante o café matinal, seu Osires aproveita o tempo para falar sobre as lições do Cristo.

Família reunida, com esposa e três filhos, chama-os para que, antes de irem para a escola, recebam a bênção do novo dia.

Enquanto dona Aurora, a mãe, coloca o leite nas xícaras, as crianças já arrumadinhas para escola, reclamam do sono e com ares preguiçosos mostram o mal-humor reclamando:

— Ora papai, bem que o senhor poderia nos deixar dormir mais...

— É mesmo, diz o outro, ainda mais que vai chover...

— E eu estou com frio, não queria sair da cama, reclama o mais novo, choramingando.

Seu Osires com toda calma e já abrindo o Evangelho Segundo o Espiritismo, diz:

— Primeiramente vocês deveriam ter dito: bom dia papai, bom dia mamãe, graças a Deus vivemos um novo dia e sem reclamar como estão fazendo. Vocês deveriam estar felizes. Acabaram de levantar, cada um vindo de um quarto confortável, onde não faltaram roupas e cobertores.

Pensaram vocês quantas crianças não dormiram na rua esta noite fria, sem nada para lhes aquecer o corpo? E que agora pela manhã não têm o que comer, muito menos um copo de leite?

Por isso filhos, vamos agradecer a fartura de nossa casa, principalmente vocês que têm o colinho da mamãe e o abraço do papai.

As crianças sentiram profundamente a mensagem daquele pai paciente e bondoso e correram a abraçá-lo e todos beijando a mãezinha pediram desculpas pelo mau comportamento que tiveram.

O mais velho, ainda com os bracinhos em volta do pescoço do pai, indaga:

— Papai e como se faz para dar essas coisas para essas crianças, que o senhor falou, que não tem nada para comer e para vestir?

— Posso fazer isto na escola? Às vezes alguns amigos pedem o nosso lanche, mas não é sempre que eu dou!

Seu Osires, abrindo o Evangelho Segundo o Espiritismo, lê para os filhos o título do capítulo XIII “Não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita”, no subtítulo “Infortúnios Ocultos”.

E disse o pai: — Aqui, meus filhos, Jesus ensina a lição.

Dona Aurora, a mãe que, atenciosa, colocava o leite nas xícaras, olhando para seu companheiro fala:

— Meu querido, essa história é muito bonita, conte-a aos nossos filhos, creio que eles entenderão melhor se for contada e não lida. Sei que você a conhece de cor. O importante é fazê-los entender a grande moral aí contida.

Seu Osires aceita rapidamente a sugestão da esposa. Os meninos mostram-se curiosos e dizem em coro:

— Conte logo, papai, antes que percamos o ônibus para a escola.

Era uma vez uma senhora que estava sempre acompanhada de uma menina, sua única filha.

Apesar de terem uma vida confortável, não demonstravam nada, pois estavam sempre discretamente arrumadas, sem jóias e sem luxo algum.

Saíam todas as manhãs, levando várias sacolas, embrulhos e cestas com pães, que eram pegos na padaria que encontravam em meio do caminho.

Passavam pelas ruas, sorrindo e cumprimentando a todos que encontravam, mesmo sem conhecê-los.

Uma das crianças estranhando o fato de sorrir sem conhecer, observa:

— Mas, papai, lá na escola se nós dermos risada para os meninos que não conhecemos, eles vêm brigar, porque acham que estamos caçoando deles...

Seu Osires pacientemente recolhe o filho no colo e fala:

— Filho, Jesus nos ensina que somos todos irmãos. Por que então não conversarmos, rirmos uns com os outros, qual o mal? Se não nos conhecíamos, passaremos a ser amigos. Quando isto acontecer na escola, vá até seu coleguinha e fale isto que você está aprendendo.

O menino ri meio desconfiado e depois prossegue.

— Conte papai, continue a história...

Bem... sei que vocês querem saber aonde elas iam, não é? Pois bem, elas estavam indo para uma favela, visitar várias famílias doentes que precisavam não só dos alimentos que levavam nas sacolas, mas principalmente a solidariedade, isto é, o carinho para eles sentirem que não estavam sozinhos.

Elas bateram à porta de um desses barracos e foram de encontro com um quadro muito triste. Era uma pobre mãe que atravessava uma dor muito profunda. Muitos filhos a chorar de fome e o pai estava num leito de hospital com doença grave.

A chegada delas foi recebida com muita alegria, pois as crianças receberam doces, leite, pão, além da comida que os alimentaria por vários dias. Dali elas seguiram para o hospital levar para o pai a notícia de que em casa estava tudo bem, pois estavam assistidas no que fosse possível. E ao pai deram-lhe carinho, remédio e preces em nome de Jesus. Ele ficou feliz e chorou emocionado, beijando as mãos dessa benfeitora.

A menina sorriu e aprendeu com a mãe como é importante ser bom e saber dividir o que tem com os que nada têm, principalmente o amor, pois doar o que sua mãezinha levava era fácil, mas ela aprendera que era preciso dar dela própria, do esforço que ela fizesse para ter valor.

Os meninos estão emocionados e o mais velho, pergunta:

— Como era o nome dessa mulher tão boa, papai?

Seu Osires vagarosamente fala:

— Para todos, ela é o anjo da consolação, da esperança e da fé. Seu nome é Caridade.

As crianças ficam em silêncio, refletindo a bonita lição que ouvem.

Após minutos pensando e já terminando de tomar o café matinal, perguntam ao pai:

— Papai, qualquer dia destes o senhor nos levaria para visitar uma dessas famílias?

O seu Osires sorri satisfeito.

Elielce

Família e Sociedade

Todos os dias vemos, nos meios de comunicação, notícias de pessoas que praticaram condutas fora dos padrões morais e legais de nossa sociedade.

Desvio de dinheiro público, falsificação de remédio, negligência de profissionais e tantos outros atos que nos fazem perguntar como consertar todo este sistema que parece estar podre.

Devemos fazer como o bom médico que, para encontrar o remédio certo, primeiro descobre a causa da doença e, para isso devemos analisar desde o início.

Quando nós reencarnamos, chegamos com todas as nossas imperfeições, vícios e tendências para o mal que estamos arrastando pelos tempos.

Somos recebidos pelas nossas famílias, com promessas de nossa parte, de que nos modificaremos. Da parte dos familiares, fica o trabalho de reeducação, principalmente moral.

Passam-se os anos e a família negligencia a educação moral. Não reorientam os seus filhos para tomar atitudes mais corretas, deixam que as mentiras fiquem sem corrigidas e não dão uma educação religiosa. Estes pequenos filhos vão crescendo e tornam-se adolescentes. Nova fase, problemas novos, mas a falta de orientação continua.

O sexo desenfreado não encontra orientação com relação ao respeito aos sentimentos do próximo, as revoltas e rebeldias são consideradas afirmação de personalidade, não merecendo uma conversa mais amorosa e, o mais preocupante, a ignorância das amizades com que o adolescente anda. Tudo "corre solto".

Quando o jovem comete algum erro, os pais partem contra as pessoas em defesa incondicional do seu filho, ignorando que ele possa ter prejudicado alguém, fomentando no jovem a idéia de que "posso fazer o que quero, pois vão me defender". (De onde nasce a impunidade?!)

O adolescente cresce e precisa incluir-se no sistema

social mais ativamente, trabalhando e assumindo compromissos.

Chegamos ao nosso problema atual.

Aquele espírito que, no início de nossa narrativa, reencarnou confiando que receberia uma orientação familiar para tentar se modificar, não se modificou. Todos os seus vícios morais continuaram em plena atividade (quando não desenvolveu outros). Ninguém nunca chegou a freá-lo nas suas vontades. O mundo, até então, tinha sido feito para servi-lo. De repente, ao começar a ampliar as suas relações sociais com o ingresso no mercado de trabalho, aquisição de bens e até compromissos sentimentais, o mundo começa a cobrá-lo de atitudes mais maduras; mas ele não possui estrutura para arcar com tanta responsabilidade.

Todo este quadro tem um reflexo direto no quadro social que estamos vivenciando pois, aqueles filhos que não foram educados moralmente hoje são os que estão atuando na sociedade. A educação liberal deu no que deu. Confiamos em Deus, mas temos que fazer a nossa parte.

Se quisermos que algo se modifique para melhor, devemos deixar de lado a nossa porção de animais que protegem a cria irracionalmente e passarmos a educá-los para a vida, nem que para isso precisemos, às vezes, ser mais rigorosos, cortando mordomias, exigindo atitudes maduras e, principalmente, impondo limites.

Fazendo assim, quem sabe no futuro, teremos políticos mais interessados no bem da coletividade, empresários promovendo o progresso sem abusar do poder econômico, funcionários públicos mais prestativos, motoristas respeitando as leis de trânsito, balconistas nos recebendo com um sorriso, etc. Vê-se que um ser humano educado moralmente será um indivíduo atuando com amor na sociedade, seja nos altos cargos ou nos mais simples.

Wilson

Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança"

Rua das Turmalinas, 56 - Jardim Donini - Diadema - SP

Reuniões: 2ª, 4ª e 5ª às 20 horas
3ª e 6ª às 15 horas

Tratamento Espiritual: 2ª às 19h45
6ª às 14h45

VISITE NOSSO SITE

Você poderá obter informações sobre o Espiritismo, encontrar matérias sobre a Doutrina e tirar dúvidas sobre Espiritismo por e-mail. Poderá também comprar livros espíritas e ler o Seareiro eletrônico.

Visite-nos!

www.espiritismoeluz.org.br

Que precisamos para vencer as lutas domésticas?

(Leis de Amor - Emmanuel)

Seria bom se tivéssemos uma receita para resolvermos todos os nossos problemas domésticos.

Só que essa vitória depende de nós e nem sempre temos atributos, condições ou vontade de alcançá-la. Quando dizemos que algo é impossível de se fazer, estamos a um passo da derrota.

Nós queremos vencer e não desistiremos! Vamos juntos analisar o tema.

Que luta doméstica seria essa? Hipoteticamente, o lar seria o lugar mais tranqüilo e aconchegante da Terra, pois casamos com a pessoa amada (“a mulher ou o homem da minha vida”, como se costuma dizer). Temos filhos que são ansiosamente esperados e constituímos uma família, para sermos felizes para sempre, certo?

Infelizmente, nem sempre é assim.

Conhecemos casos de pais omissos, mães superprotetoras, maridos tiranos, esposas negligentes, filhos rebeldes e ingratos. Irmãos que se agredem com palavras, e até fisicamente.

E o desrespeito com os avós? Muitos são maltratados, humilhados. Não devemos permitir que nossos filhos desrespeitem nossos pais, ou nossos sogros.

O que aconteceu com o amor dos casais que se uniram em matrimônio? Onde estão as juras românticas que trocaram no tempo de namoro? E os projetos familiares que edificaram juntos? Parece que o amor, as juras e os projetos foram esquecidos no quarto de despejo.

Esquecemo-nos que é no lar que encontramos inimigos de vidas passadas. É no lar que nos vemos frente a frente com antigos rivais.

As leis divinas nos concedem a graça do esquecimento, para facilitar o convívio com nossos algozes e com nossas vítimas em encarnações anteriores. Qual seria nossa reação se soubéssemos que nosso próprio marido ou esposa nos levou ao erro? Qual seria nossa reação ao saber que, em vidas passadas, maltratamos aquele que hoje é nosso filho?

Esse esquecimento possibilita a reconciliação e a chance de trocarmos a aversão, o ódio, os ressentimentos

pela amizade, pelo amor e pelo perdão.

“O que Deus uniu, os homens não separam”. Ouvimos essa afirmativa em cerimônias religiosas de casamento, porém, às vezes, elas se realizam levadas por impulsos carnavais, interesses financeiros, ou imposições dos pais. Então, não houve um embasamento espiritual.

A felicidade é momentânea e evapora porque não houve consistência nos sentimentos.

Com o tempo, a união fica tensa até se tornar um fardo desgastante, envolvendo toda a família em um ambiente intolerável.

A verdadeira união tem comprometimento espiritual de resgate e evolução.

É sob esse enfoque que devemos analisar a responsabilidade dos pais para com os filhos.

Os filhos nos são confiados para serem orientados no caminho do bem, do progresso espiritual. Essa tarefa deve começar o mais depressa possível. (Emmanuel disse que deve começar na concepção).

Os psicólogos comentam que nós, quando somos crianças, achamos nosso pai “o máximo”, um super herói. Aos 18 anos, dizemos: “meu pai é um quadrado”. Aos 30, dizemos: “acho que o velho tem razão”. E na maturidade, dizemos: “meu pai é um gênio”. Muitos só valorizam os pais quando se tornam pais eles mesmos.

Nunca é cedo para ensinarmos aos nossos filhos os limites da liberdade. Muitos pais não dizem não a seus filhos para não traumatizá-los, esquecendo que um dia o filho terá de caminhar com suas próprias pernas e deverá ter firmeza para tomar decisões. Para tanto, o filho deverá ter noção de valores, discernir entre o bem e o mal, cultivar bons costumes e bons sentimentos.

O lar é a primeira escola de reabilitação e reajuste. Vamos nos revestir de paciência, amor e humildade.

Os que conseguem compreender a grandiosidade dessa oportunidade oferecida por Deus e começam a praticar em casa os ensinamentos de Jesus, sem dúvida, estão vencendo suas lutas domésticas.

Casal Bifoni



Clube do Livro Espírita - “Joaquim Alves (Jô)”

Receba mensalmente obras selecionadas de conformidade com os ensinamentos espíritas.

Informe-se através:

Caixa Postal, 42 - CEP 09910-970 - Diadema - SP

(11) 4044-1563 (com Eloísa)

E-mail: seareiro@ig.com.br

Sempre Amor

Poesia contida no livro "Luz no Lar"- Editora FEB - 2ª edição - 1972 - Psicografado por Francisco Cândido Xavier

Torno, ansioso, da morte á casa que deixara...
Os meus, o lar, o amor... eis tudo o que ambicioso.
Entro. Lá fora, o parque, a tristeza, o abandono...
Mormaço, plenilúnio, o vento, a noite clara...

Debalde grito, corro, observo, inspeciono...
Subo. Um morcego ronda pequena almenara...
Nada. Ninguém me espera. A vida desertara.
Tudo silêncio e pó de tapera sem dono...

Sofro desilusão que o mundo não descreve,
Mas alguém abre a porta e me chama, de leve...
Fito pobre mulher... Na face, o olhar sem brilho...

Conheço-a!... Minha mãe!... Quanta saudade, quanta!...
Vem lembrar-me a rezar... Beijo-lhe as mãos de santa!...
Ela chora e repete: "Ah! Meu filho! Meu filho!"

Jorge Matos

Após o desencarne, vagorosamente o espírito, auxiliado pelo plano espiritual, desprende-se dos elos que o ligam à matéria física.

Abrindo os olhos no mundo espiritual, percebe que algo estranho está a sua volta.

Tenta rever o lar, os entes queridos, chama e chora,

porém, tudo está demonstrando tristeza e abandono.

Corre de um lado para outro, anda, após, com passos cambaleantes, mas sente apenas o vento que lhe bate as faces, deixando leve camada da poeira e o cheiro agradável das plantas, daquele que um dia fora um belo jardim.

Onde estarão todos? Onde o riso das crianças?

Ninguém! Sente as lagrimas a correr pelas faces ainda encurvadas. Ninguém espera pela sua volta. Que desilusão!

Repentinamente, parece-lhe que alguém ouviu o seu lamento! De frente a uma porta semi-aberta, do fundo do quintal, visualiza um vulto feminino. Esfregando os olhos desesperadamente, com receio de perder essa visão, começa a reconhecer a simples presença desse anjo acolhedor e abrindo os braços, como criança temerosa de uma queda, grita a soluçar:

— Mãe, quanta saudade!... Ajude-me... e, com sua presença sempre paciente, ensina-me novamente a orar.

E essa figura angelical, amparando-o diz-lhe docemente:

— Vem, filho meu, Deus atendeu a sua desventura, vim buscá-lo para o "Reino da Paz".

Elielce

Curas

CURAS

Água fluidificada

Desde os tempos remotos a água é considerada elemento primordial a vida.

Sob ação da vontade e da fé pode-se impregná-la de fluidos mais sutis.

Segundo Emmanuel, é um dos meios mais simples. É como base pura, em que a medicação Espiritual pode ser administrada para assistência ao corpo e à alma, em processos invisíveis aos olhos mortais. Segundo Allan Kardec, a água pode adquirir qualidades poderosas sob ação do fluido espiritual.

A água fluidificada deve ser usada como coadjuvante no tratamento médico de qualquer doença orgânica ou psíquica. A água fluidificada tem a vantagem de não ter contra-indicação. No Nosso Lar, a água é conhecida como o veículo mais poderoso para os fluidos de qualquer natureza. (André Luiz - Livro "Nosso Lar" Capítulo 10)

A água fluidificada pode ser usada a benefício de todos, para os casos de reconforto e refazimento, atendendo ao reequilíbrio das forças necessárias, ou em caráter

particular para algum enfermo. Nesses casos deve-se colocar em recipiente separado, exclusivo para a pessoa doente, pois ali será colocada a medicação pelos espíritos. Não há segredo para a fluidificação da água, basta que o magnetizador (passista) coloque a mão sobre os recipientes com água e através de uma prece solicite a ajuda espiritual para a fluidificação.

Os recipientes podem simplesmente ser deixados no local onde os passes estejam sendo aplicados, pois os espíritos estarão sempre presentes e atenderão a todas as necessidades.

Muitas pessoas se preocupam com relação ao fato de deixarem os recipientes de água abertos ou não durante a fluidificação. O espírito Sheila em resposta a esta questão mostrou, através da vidência, que os seus dedos atravessam o vidro da garrafa e deixam extravasar os fluidos no líquido.

A água fluidificada deve ser usada com muita atenção. As criaturas não devem prescindir desse recurso tão simples e eficaz.

Pode-se também embeber um algodão na água e mantê-lo sobre a parte doente do corpo, para que as irradiações se espalhem lentamente, favorecendo o alívio ou a cura. (Informações retiradas do Livro “Magnetismo e Cura”)

Também o Livro “Fabiano de Cristo, O Peregrino da Caridade” mostra muito bem as propriedades da água, principalmente no Capítulo 22 - O segredo da Cura.

Doutor Fortes, médico que na época clinicava também na enfermaria do convento Sto Antônio no Rio de Janeiro, enfrentando a técnica precária da medicina da época, que quase sempre o colocava em desvantagem, as enfermidades difíceis, começou a observar aquele enfermeiro, Fabiano de Cristo, que vencida as doenças onde ele se sentia derrotado.

Daquelas mãos delicadas, via doentes sem esperanças saírem curados e retornarem à vida sem sinal de doença. Deveria haver ali algum segredo e assim o doutor Fortes passou a inspecionar cada ato do Fabiano. Talvez tudo estivesse na água. Sim! Pois tudo o que Fabiano fazia era administrar uma porção de água a cada doente; até aqueles portadores de feridas graves ele aplicava gotas d'água na região enferma obtendo miraculosamente a cicatrização.

O doutor Fortes queria também dominar aquele conhecimento e interpelou Fabiano: — Há dias te observo trabalhando na enfermaria, irmão Fabiano, após haveres distribuído porções de água a diversos doentes, por mais que negues, colocas na água algum medicamento que desconheço.

Fabiano sorriu e respondeu: — Nada faço que qualquer pessoa não possa fazê-lo, doutor. — Desculpe-me, Fabiano,

porém não creio, pois trouxe-lhe doentes irrecuperáveis aos meus recursos médicos e três dias após, estavam refeitos a te ajudar, e não deste nada a eles além da água.

O médico insistia, pois achava que Fabiano escondia algum segredo que poderia por ele (doutor Fortes) ser usado em favor de outros doentes. Mas Fabiano, constrangido, disse ao médico que se apiedava muito das criaturas e como não tinha conhecimento de enfermagem, buscava aliviar suas dores através da água e de suas orações para cada doente. (Água que era tirada de um poço que Fabiano abria com as próprias mãos no convento de Santo Antônio).

E diante do médico admirado, Fabiano disse que sabia que a vida vem de Deus e rogava ao Pai de Misericórdia que abençoasse a água, que Ele próprio criou, dando a ela o sopro de vida, como o da vida inicial do homem. Sabendo que o Pai atende a todas as suplicas desinteressadas, a água se transforma num santo remédio. O que Deus coloca nela, nunca perguntei! Só sei que, com muita fé e amor, administro aos doentes, em nome de Jesus Cristo. Se o Senhor também assim o fizer, doutor, por certo Deus o atenderá. Ele ouve a mim que sou pecador e mais te ouviria pelas suas virtudes.

Sabe-se que o doutor Fortes foi visto algumas vezes dando porções de água a escravos enfermos.

“Aquele que der de beber ainda que seja um copo de água a um desses pequeninos, por ser meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa”. (Mateus 10-42)

Ruth

Atualidade

ATUALIDADE

Odioterapia

A jovem viera de um sanatório.

Ali, na singela sala de um agrupamento espírita-cristão, revelava-se inquieta, irrequieta, músculos em contrações que prenunciavam agressividade, ríctus dolorosos que, entremeados com sorrisos, lhe deformavam a juvenil fisionomia. Afirmava-se incurável e, ao mesmo tempo, inconformada com o seu estado.

Queria curar-se.

Avizinhava-se de violenta crise.

Somente a misericórdia Divina, em nos conhecendo as fraquezas, a favorecia com o temporário equilíbrio, permitindo-nos o diálogo em que ela relatava os seus problemas interiores, algumas das torturas de suas noites de pesadelo.

Trincando os dentes, informou:

— E o médico me assegurou que a minha cura estará em eu reunir todas as pessoas com quem não simpatizo, e com as quais tenho divergências, e lhes dizer, a todas juntas, tudo o que sinto e penso delas.

A afirmativa amargosa, ainda juntou:

— Tenho tanto ódio...

Essa odioterapia sempre nos assombra!

Cada caso que se repete, espanta-nos.

Refletimos bastante sobre tais recomendações.

Diante de quadros que são afeitos justamente do desencadeamento do rancor, do ódio trabalhado em múltiplas experiências reencarnatórias, da cólera cultivada nos espetaculosos duelos mentais em que nos conflitamos com os semelhantes - onde falha o eletrochoque, onde falece a insulina, temos recolhido essas soluções verdadeiramente mágicas de odioterapia, violência-terapia, vingança-terapia, quais remanescentes das atitudes brutais dos que faziam de honra a máxima: “Não leve desaforo para casa.”

O infeliz enfermo, confiando-se ao conselho desesperado de seu orientador, provocará uma reação em cadeia: extravasando o rancor, recolherá rancor; distribuindo ódio e acumulando ódio, raramente se

desvinculará das fichas que fazem o seu calendário de frequência nos sanatórios.

A falsa sensação de alívio que o bilioso diz experimentar, após suas indisciplinadas manifestações de rancor, logo após “dizer tudo o que pensa e tudo o que quer”, é sempre seguida de um agravamento do final, agravamento este que a sabedoria popular define com profunda grandeza: “Quem diz o que quer, ouve o que não quer.”

O parecer distribuído a esmo, fatalmente induzirá o doente a sustentar, por tempo indefinido, a posição em que hiberna o seu senso-moral: “a de vítima de um mundo que não o compreende”, distanciando-o daquele esforço indispensável de romper a cristalização do egoísmo em que se enclausura a sua alma.

Haverá menos desajustados com Evangelhoterapia.

A alma que se confia à sábia orientação do Senhor Jesus, ao sol de seu Evangelho, termina por abrir frestas na sua autoprisão, liberando-se do automartírio a que se confia dolorosamente e, aí sim, criando condições ideais para seu levantamento espiritual.

Ninguém aniquila tiririca, semeando tiririca.

Impossível acabar com pernilongos, promovendo o pântano.

Drena-se o charco com água corrente e não com lama.

Terrenos incultos serão ninhos de serpentes.

Na certa a recomendação espírita-cristã nem sempre é acolhida de bom ânimo por nós, doentes da alma, à nossa fome de vingança, aos nossos ensaios de rancor. Incomodanos, inclusive, revelar a nossa autêntica posição, nos quadros da vida: a de algozes e não a de vítimas. Parece-nos menos eficiente, por apelar para sentimentos de fraternidade, de compreensão, de harmonia. Não tem o sabor fantasioso de soluções mágicas e nem fala por linguagem cabalística, mas nos aponta a urgência de nosso ajustamento às Leis Espirituais que nos regem a vida.

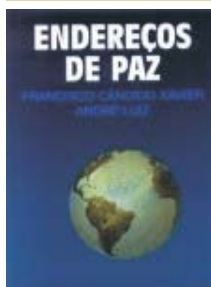
É a recuperação de nosso deteriorado sentimento religioso, cuja pureza se diluiu, no escoar de milênios, sob a ganga de dogmas e rituais, paramentos e sacerdócio.

Espiritismo é negação da odioterapia.

J. Alexandre

Clube do Livro

CLUBE DO LIVRO



Endereços de Paz

Editora Cultura Espírita União
Francisco Cândido Xavier / André Luiz
95 páginas

Esta obra, “Endereços de Paz”, enviada aos nossos amigos do Clube do Livro Espírita “Joaquim Alves (Jô)” no mês de novembro/2005, nos traz mensagens psicografadas pelo companheiro Francisco Cândido Xavier, enviadas por André Luiz.

Vem nos trazer, com clareza e simplicidade, diversas oportunidades de reconforto através de palavras de carinho o qual não só analisaremos e tentaremos entender seu verdadeiro significado, como também buscaremos aprender a importância de colocá-las em prática em nossa conduta diária.

Podemos resumi-la em alguns trechos destes exemplos:

Nunca Inúteis, diante de tantas oportunidades de trabalho na busca para descobirmos nosso **Saldo e Extra** a executarmos. **Ainda** no que acreditamos serem pequenas obras, o valor destas **Anotações do Bem** é o mesmo sempre que trabalhamos no **Auxílio e Orientação** de nossos irmãos.

Uma **Definição** de instrução a nossos atos futuros, para que enfrentemos as **Dificuldades e Problemas** que surgirão em nossa vida. Paciência e coragem, a **Dupla da Paz** para que possamos com **Discernimento** superar nossas imperfeições e, sem nos lamentarmos de nossas dificuldades, sempre com **Gratidão e Esforço** cada vez maior, percebermos o quanto somos **Ricos** em oportunidades na busca da verdadeira fortuna, a Espiritual.

Renovação de valores com novas **Idéias Para Hoje** mesmo. Levamos àqueles que precisam, tanto quanto nós, de **Lição e Auxílio** enraizados **Nos Caminhos do Coração** em busca de nossa reforma moral e espiritual.

Oportunidades não faltarão, dificuldades aparecerão **De Parte a Parte**, mas **O Que Nos Interessa** principalmente é a força que obteremos com **A Palavra** de Deus ao nosso lado, a **Proteção** que obteremos ao lado de um trabalho responsável.

Toda Tarefa é Importante e independe de seu tamanho; com fatos marcados nos **Registros da Vida** estamos constantemente mais próximos de Deus do que imaginamos. Nossa responsabilidade adquirida torna-se cada vez maior.

Até que nos vem a principal **Pergunta de Sábio** formulada: Como faço para chegar a Deus? Não existe outra maneira a não ser reativando essa **Alavanca de Luz** que nos deixou, **ACARIDADE**.

Estejamos sobre constante **Vigilância**. **O Melhor Por Fazer** é agradecermos a oportunidade do trabalho que nos foi concedido; com isto percebemos o quão necessárias são as **Reflexões** para que analisemos nossos atos e imperfeições, seguindo firmes para que recebamos essa gigantesca **Medicação Espiritual** que nos é oferecida.

Nunca é tarde para que resgatemos nossas **Perdas**. A caridade é o caminho da verdadeira **Riqueza** que nunca perderemos, a **Solução** é o trabalho. No caminho à elevação espiritual, procuremos através de **Indagação e Resposta**, necessárias ao esclarecimento, mantermo-nos sempre alertas. **Orações da Estrada** de quem já viveu e tem experiência para nos mostrar a Fé e Humanidade necessária para que enxerguemos os verdadeiros **“ENDERECOS DE PAZ”**.

Marcelo

Janeiro

Dia 01

1858 - Em Paris, França, Allan Kardec lança a Revista Espírita. Publicação mensal que apresentava a situação mundial do Espiritismo, assim como textos e comunicações mediúnicas sobre assuntos diversos do movimento.

1846 - Nasce em Tours, França, Leon Denis autor de vários livros doutrinários.

1875 - Publicada a primeira folha espírita do Rio de Janeiro e a segunda do Brasil, com o nome de "Revista Espírita".

1884 - Fundação da Federação Espírita Brasileira.

Dia 02

1889 - Nasce em Botucatu, São Paulo, o professor Carlos Carmine Mirabelli, médium brasileiro; foi pesquisado por cientistas e principalmente pelo Instituto "César Lombrose".

Dia 03

1412 - Nasce na França, Joana D'Arc, médium, que foi sacrificada na fogueira, devido aos seus ostensivos dons mediúnicos.

Dia 04

1952 - Desencarna em Bristol, Inglaterra, Ernest W. Oaten, espírita e companheiro de Conan Doyle.

Dia 06

1868 - Lançamento da 1ª edição do livro "A Gênese", de Allan Kardec.

Dia 07

1715 - Desencarna Fénelon, um dos Espíritos que colaboraram na Codificação

Dia 09

1862 - Nasce em Gênova, Itália, Ernesto Bozzano, pesquisador de fenômenos espíritas. Dedicou-se ao estudo dos fenômenos espíritas e autor de várias obras do gênero.

Dia 10

1969 - Desencarna aos 91 anos a professora Zilda Gama, médium psicógrafa, tendo produzido por intermédio do Espírito Victor Hugo, diversos romances mediúnicos.

Dia 11

1874 - Nasce em Natal, Rio Grande do Norte, Adelaide Augusta Câmara, mais conhecida como Aura Celeste, intelectual, dinâmica, extraordinária médium, além de poetisa, contista e educadora, foi uma das mais devotadas figuras femininas do Espiritismo.

1971 - Desencarna José Pedro Freitas mais conhecido como "Zé Arigó", vítima de acidente automobilístico.

Dia 12

1827 - Nasce em Zurique, Suíça, o educador João Henrique Pestalozzi. Teve grande influência na formação de Hippolyte Léon Denizard Rivail, reconhecido mais tarde como Allan Kardec.

Dia 13

1910 - Desencarna Andrew Jackson Davis, médium americano. Recebeu a obra "Filosofia Harmônica" e foi um dos precursores do Espiritismo.

1968 - Primeira reunião de médicos espíritas para fundar a

Associação de Médicos Espíritas, em São Paulo, SP.

Dia 15

1861 - Primeira edição de "O Livro dos Médiuns"

Dia 17

1875 - Nasce no Maranhão, Luís Olímpio Guillon Ribeiro. Engenheiro civil, exerceu vários cargos no Senado Federal. Foi presidente da FEB, dedicando-se com esmero às tarefas de divulgação através da imprensa.

1901 - Desencarna em Roma, Itália, Frederic William Henry Myers, literato inglês, um dos fundadores da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres.

Dia 18

1969 - Desencarna no Rio de Janeiro, Ismael Gomes Braga, jornalista ativo do movimento espírita e esperantista.

Dia 19

1947 - Desencarna no Rio de Janeiro, em 1947, aos 80 anos, Frederico Figner. Autodidata, destacou-se como empresário no Brasil. Como espírita convicto participou ativamente do movimento, sendo alma caridosa e lúcida.

Dia 20

1919 - Desencarna em São Paulo, a emérita educadora Anália Emília Franco Bastos, trabalhadora incansável da caridade; espírita convicta, constituiu 71 escolas, 2 albergues diurnos, 23 asilos, 1 colônia regeneradora para mulheres, 1 banda musical feminina, orquestras e grupos dramáticos, na capital e em 24 cidades do interior.

Dia 21

1854 - Nasce em Nápoles, Itália, Eusápia Paladino, notável médium de efeitos físicos. Foi pesquisada por inúmeros cientistas, convencendo vários sobre a veracidade da comunicação espiritual.

1884 - Desencarna Amélie Gabrielle Boudet, viúva de Allan Kardec, aos 87 anos de idade.

1883 - É fundada por Augusto Elias da Silva a revista Reformador, órgão de divulgação da Federação Espírita Brasileira.

Dia 22

1854 - Nasce Eusápia Paladino.

1909 - Desencarna em 1909, Antônio Gonçalves da Silva Batuira. Comerciante, converteu-se ao espiritismo, do qual se tornou ardoroso divulgador. Foi notável médium curador. Criou vários grupos espíritas em vários estados.

Dia 25

1863 - É fundado em Nova York, EUA, por Andrew Jackson Davis, o Liceu Espírita.

Dia 30

1938 - Desencarna em Matão, São Paulo, Cairbar de Souza Schutel, um dos grandes vultos espíritas no Brasil. Político convertido ao Espiritismo, fundou o jornal "O Clarim" e a "Revista Internacional do Espiritismo". Foi polemista de grandes recursos, tendo defendido a doutrina numerosas vezes em praça pública. Escreveu várias obras.

Banca de Livros Espíritas "Joaquim Alves (Jô)"



Livros básicos da doutrina espírita. Temos os 412 livros psicografado por Chico Xavier, romances de diversos autores, revistas e jornais espíritas. Distribuição permanente de edificantes mensagens.

Praça Presidente Castelo Branco - Centro - Diadema - SP

Telefone (11) 4043-4500 com Roberto

Horário de funcionamento: 8 às 19h30

Segunda-feira à Sábado



Órgão divulgador do Núcleo de Estudos Espíritas "Amor e Esperança"
Caixa Postal 42
Diadema - SP
09910-970

Destinatário

IMPRESSO